

Formação de professores e formação de professores leitores

Patrícia dos Santos Moura¹

Fernanda da Silva Araújo²

Juliana Brandão Machado³

Resumo

O presente texto tem por objetivo discutir a formação leitora de professores e o processo de letramento literário na formação continuada, enfatizando que é necessário renovar urgentemente a prática de formar professores. A metodologia do artigo é de uma pesquisa qualitativa, com pesquisa bibliográfica teórica com as obras do autor Cosson (2022, 2023), Soares (1998, 2020), Zeichner (2008), Nóvoa (2017) dentre outros teóricos. Os professores precisam ser preparados para que sejam profissionais reflexivos que possam avaliar o valor de suas práticas. Neste artigo, discutiremos a importância da formação leitora na educação, além do valor da leitura e da sala de aula transformadora. Os alunos não carecem ser ensinados a simplesmente decodificar textos, mas também criticar o texto e passar pelo que o texto diz. Os professores devem ser responsáveis por formar alunos críticos em termos de letramento literário e criar novas abordagens críticas em relação aos métodos tradicionais. O diagnóstico executado destaca a necessidade de uma formação continuada para professores trabalharem com literatura e o letramento literário de uma maneira mais reflexiva no cotidiano da sala de aula. A criação de uma escola coerente e a construção de um letramento literário dos alunos demanda um trabalho considerável de formação dos professores, com o objetivo de construir uma sólida base teórica. A combinação de conhecimento teórico e prático na formação dos professores é crucial para a qualidade da educação, que tentará promover o letramento literário dos alunos de maneira abrangente.

Palavras-chave: Formação de professores; Leitura; Letramento literário; Professores leitores;

1 Introdução

É de consonância, quase que geral, a sentença que diz que o sujeito se torna possivelmente mais crítico diante da sociedade e de todas as questões que o cercam por meio da leitura. E seria a escola o mais conceituado agente de letramento, tendo como uma de suas principais funções a missão de oferecer um ambiente propício às práticas de leitura. Porém, o que se observa são alunos desmotivados e insatisfeitos com a maneira como são aplicados os

¹ Autora: Doutora em Educação; Universidade Federal do Pampa; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; patriciapinho@unipampa.edu.br

² Co- autora: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu-- Mestrado Profissional em Educação. Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). fernandadsa.aluno@unipampa.edu.br

³ Co-autora: Doutora em Educação; Universidade Federal do Pampa; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; julianamachado@unipampa.edu.br

gêneros textuais, o modo como é dirigida a leitura de textos literários e suas maneiras de coletar os dados interpretativos.

A leitura é uma prática essencial que transcende o simples ato de codificar e decodificar palavras; ela se configura como um poderoso meio de construção de sentidos e compreensão do mundo que nos cerca. Nesse contexto, a figura do professor se torna fundamental, não apenas como transmissor de conhecimento, mas como mediador e exemplo da leitura é uma prática social e leitora. Compartilhar e cultivar o apreço pela leitura é uma das responsabilidades primordiais do educador, que, para desempenhar essa função de maneira eficaz, deve ser um leitor engajado, não que deva ser completamente apaixonado por ler, porém necessita ter consciência que o profissional que não possui o hábito de ler não é de fato engajado no processo de promoção da leitura consciente. No entanto, surge uma questão crítica: como formar professores que, por sua vez, não foram adequadamente preparados para serem amantes da leitura? A formação inicial e continuada dos docentes deve incluir práticas de leitura diversificadas e um repertório literário rico, que abranja desde a literatura infantil até clássicos e textos científicos.

A capacidade de julgamento e apreciação literária, que deve ser cultivada no docente, é um componente essencial para a criação de uma cultura de leitura nas salas de aula. Essa construção não se dá apenas pela exposição a textos, mas por meio de uma interação crítica e reflexiva com eles. Assim, é urgente repensar as práticas pedagógicas relacionadas à leitura, enfatizando a importância de uma formação que vá além do técnico e que envolva o desenvolvimento de uma paixão genuína pela literatura. Ao transformar a leitura em uma atividade significativa e prazerosa, o professor não só enriquece sua própria prática, mas também contribui para a formação de leitores críticos e atuantes, capazes de interpretar e questionar o mundo ao seu redor. A educação, nesse sentido, se torna um ato de resistência e transformação social, onde cada leitura pode abrir novas possibilidades de compreensão e ação no mundo.

O estudo tem por objetivo discutir a formação leitora de professores e o processo de letramento literário na formação continuada. O trabalho pretende mostrar como é necessário que haja práticas metodológicas para incentivar a leitura, visando não somente a leitura em si, indo além da vida escolar, isto é, contribuindo na formação de cidadãos conscientes, criando hábito de ler influenciando na criatividade e no conhecimento sociocultural.

O presente trabalho está disposto em quatro capítulos: o primeiro discorre a respeito da metodologia executada na pesquisa e os capítulos seguintes ponderam a respeito da

formação docente; professor mediador e formação leitora; trabalho com leitura, literatura e letramento literário. Tais capítulos abordam fundamentalmente a respeito da formação de professores como leitores a fim de que tais profissionais possam formar novos leitores.

2 Metodologia

O trabalho se realiza a partir das orientações do Programa de Mestrado Profissional em Educação oferecido pela UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS, no qual, a pesquisa foi pensada em trabalhar a parte teórica com pesquisa bibliográfica das obras dos autores: Rildo Cosson (2022, 2023), Soares (1998, 2020), Gil (1991), Zeichner (2008), Nóvoa (2017) dentre outros teóricos. A escolha das obras utilizadas como recurso se justifica pelos temas nelas abordados, tais como letramento, letramento literário, pesquisa qualitativa, formação de professores e pensamento crítico.

Este artigo se origina de uma pesquisa de intervenção com a finalidade de colaborar para a solução de problemas práticos que a escola vivencia, para isso é feita uma pesquisa utilizando a pesquisa bibliográfica como principal estratégia. Para a construção da proposta, foram utilizados como fonte de dados artigos científicos, e livros, que serviram como base para a análise e discussão dos resultados. A pesquisa bibliográfica é utilizada principalmente no meio acadêmico e tem por finalidade o aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Esse estudo apresenta um caráter qualitativo, que segundo Gil (1991, p.42) a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo, surge na abordagem da problemática pesquisada e visa delinear e codificar de maneira interpretativa os dados pesquisados. Gil

(1999, p. 42) salienta que a pesquisa científica pode ser definida “[...] como o processo formal e sistêmico de desenvolvimento do método científico, que tem como objetivo descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

3 A formação docente

Este texto assume a perspectiva de compreensão da formação docente como uma formação profissional, por isso deve-se pensar na formação inicial ou continuada de maneira a ressaltar a importância da reflexão sobre as práticas de formação para superar os desafios atuais. Quanto ao uso da teoria na formação de professores, para além das vantagens do desenvolvimento de uma base teórica sólida, a formação deve considerar tanto a experiência prática quanto os conhecimentos teóricos. É importante considerar as características do impacto de todos os fatores na formação continuada: do conhecimento prático ao desenvolvimento da compreensão da cultura social dos professores, mudanças na personalidade, atitudes em relação à justiça e à forma como elas interpretam os motivos de suas ações.

O movimento da prática reflexiva envolve, à primeira vista, o reconhecimento de que os professores devem exercer, juntamente com outras pessoas, um papel ativo na formulação dos propósitos e finalidades de seu trabalho e de que devem assumir funções de liderança nas reformas escolares. A “reflexão” também significa que a produção de conhecimentos novos sobre ensino não é papel exclusivo das universidades e o reconhecimento de que os professores também têm teorias que podem contribuir para o desenvolvimento para um conhecimento de base comum sobre boas práticas de ensino [...].

O conceito do professor como um profissional reflexivo parece reconhecer a expertise que existe nas práticas de bons professores, o que Schön denominou de “conhecimento-na-ação”. Da perspectiva do professor, isso significa que o processo de compreensão e de melhoria de seu próprio ensino deve começar da reflexão sobre sua própria experiência e que o tipo de saber advindo unicamente da experiência de outras pessoas é insuficiente. (ZEICHNER, 2008, p.539)

Há que se discutir as limitações da formação docente reflexiva em promover o desenvolvimento dos professores, destacando a importância de considerar o contexto social do ensino, e não em padronizar o ensino ou o estudante. A importância de abordar todas as dimensões da reflexão docente e de garantir que ela contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A formação deve, portanto, capacitar os educadores a entenderem as origens das desigualdades e a desenvolverem estratégias inclusivas que

atendam às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas.

Todo o mecanismo de formação docente que propõe a adoção de práticas de ensino e formas de aprendizagens que favorecer o docente e exige um alto nível de problematização crítica e contextualizada, favorece a formação de professores para se tornarem não apenas pessoas que lecionam, mas sujeitos que promovem uma transformação social. Portanto, ser professor não apenas compõe o fazer pedagógico de maneira enriquecedora, mas acrescenta à sua prática compromissos reais com a sociedade e com seus alunos, uma vez que sua prática agora está completamente envolvida com a busca pelas garantias de uma educação justa e equitativa para todos.

Existem diferentes modos nos quais a formação docente reflexiva minou a intenção emancipadora frequentemente expressa pelos formadores de educadores. Primeiro, um dos usos mais comuns do conceito de “reflexão” significou uma ajuda aos professores refletirem sobre seu ensino, tendo como principal objetivo reproduzir melhor um currículo ou um método de ensino que a pesquisa supostamente encontrou como mais efetivo para elevar os resultados dos estudantes nos testes padronizados. A pergunta que se faz aqui sobre a “reflexão” é a seguinte: Em que medida a minha prática está de acordo com aquilo que alguém deseja que eu faça? Em alguns casos, permite-se que o professor use sua criatividade para intervir em determinadas situações a fim de utilizar materiais e estratégias de ensino de uma maneira mais apropriada, mas isso geralmente não acontece. (ZEICHNER, 2008, p.541)

É necessário se defender uma mudança profunda no campo da formação de professores sem ceder à lógica de mercado buscando promover a conexão entre teoria e prática. A formação de professores é um problema político, não apenas técnico, e instiga a coragem e a audácia para repensar as práticas institucionais visando à sustentabilidade e eficácia da educação pública e do papel dos professores. A formação de professores deve ser entendida como uma questão de política e não meramente técnica. Isso quer dizer, que as decisões sobre a formação de professores têm sérias implicações sociais e éticas e impactam sobre a qualidade da educação recebida por crianças e jovens, que por consequência, afeta o futuro da sociedade. A educação deve ser vista como um direito humano, não um produto a ser vendido, mas como um direito fundamental que deve ser garantido a todos. Logo, a formação de professores deve ser uma jornada que os capacite a enfrentar os desafios contemporâneos, a inovar em suas práticas e a se tornarem defensores de uma educação inclusiva, crítica e transformadora.

O primeiro passo da mudança é reconhecer a existência de um problema. Para quem defende que as estruturas actuais de formação de professores são adequadas e que o único “problema” é a falta de apoio, de condições ou de recursos, a mudança não se faz necessária. Este texto dirige-se a todos aqueles que se encontram na urgência de uma transformação do campo da formação docente.

Existem, hoje, muitas iniciativas e experiências que buscam um caminho novo para a formação de professores. As mais interessantes centram-se numa formação profissional dos professores, isto é, numa ideia que parece simples, mas que define um rumo claro: a formação docente deve ter como matriz a formação para uma profissão. (NÓVOA, 2017, p.1111)

Há que se repensar a forma de entender a profissão docente, enfatizando que as características e competências atribuídas aos professores ao longo do tempo são insuficientes para representar a complexidade da profissão. Dadas essas fragilidades na preparação dos professores dos anos iniciais, foi realizado este estudo com o objetivo identificar a relação entre a formação de professores e formação de sujeitos leitores, de maneira individual ou coletiva, mas não deve ser olhado como solução definitiva dos problemas de aprendizagem e educacionais. A complexidade da educação exige uma abordagem multifacetada, que pondere não apenas a formação inicial dos professores, mas também o desenvolvimento contínuo e a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas. A relação entre a formação docente e a formação de leitores é um aspecto importante a ser considerada, ela deve ser parte de uma estratégia mais ampla que busque abordar as diversas questões que permeiam a prática educativa.

Muitas vezes, fala-se da formação de professores como uma espécie de resposta ou de “salvação” para todos os problemas educativos. Quando se adopta esta linha de raciocínio, facilmente se cai numa visão dos professores como “super-homens” ou “super-mulheres”, capazes de tudo resolver. Daqui à sua responsabilização ou culpabilização vai um pequeno passo. (NÓVOA, 2017, p.1131)

Deve-se, por outro lado, ser combatida a falsa crença de que a formação de professores é a solução definitiva para todos os problemas educacionais, ensinando aos professores suas habilidades aparentemente sobrenaturais, uma visão que exerce grande pressão na resolução de quaisquer obstáculos em seu ambiente. Ao tratar os professores como “super-homens” ou “super-mulheres” (NÓVOA, 2017, p.1131), são-lhes atribuídas responsabilidades desnecessárias, podendo ser responsabilizados pelos problemas gerais e estruturais da

educação. Estas responsabilidades excessivas representam, de certa maneira, um fardo desnecessário que o professor carrega em sua vida profissional e com isso a qualidade da educação recai sobre os seus ombros, desconsiderando que existem atos políticos que ignoram a qualidade educacional e acabam por afetar a educação do país.

Deve-se reconhecer que os professores são uma parte importante do sistema educativo, mas os professores não podem ser vistos como a única solução para deficiências e problemas. Fatores como políticas públicas, condições de trabalho, recursos disponíveis, qualificação dos alunos, entre outros, em relação à eficácia do ensino, também devem ser considerados. É importante ser mais inclusivo e trabalhar em conjunto para melhorar a educação, em vez de colocar expectativas irrealistas nos professores. Todos os participantes devem participar de atividades para solucionar desafios educacionais, evitando erros desnecessários e proporcionando um ambiente para que os profissionais de ensino apoiem e continuem seu desenvolvimento.

4 A formação docente e a formação leitora

Compartilhar e cultivar o apreço pela leitura é uma das responsabilidades essenciais do professor. No entanto, como lidar com essa missão especial se o professor não foi devidamente preparado para isso? Como os professores que não foram educados como leitores podem discernir o que constitui um bom texto literário? O gosto e a capacidade de julgamento também são parte das práticas de leitura e, portanto, devem ser incorporados à rotina do professor. Para os professores, seja em formação inicial ou continuada, é imprescindível conhecer práticas de leitura e ter bons títulos bibliográficos, que contemplem literatura infantil e juvenil, literatura clássica e literatura científica.

Com base na hipótese de que ensinar a ler ou desenvolver o hábito de gosto pela leitura depende também da prática de leitura do próprio professor, que ele deve ser, antes de tudo, um leitor, o gosto pela leitura está intrinsecamente ligado à própria prática de leitura do professor (BARTHES, 2006). Estes afirmam que somente os professores que criaram uma relação positiva em relação à leitura em sua formação inicial serão capazes de desenvolver e fomentar a prática da leitura para os seus alunos. Essa relação entre a prática de leitura e o perfil dos professores e seus alunos é confirmada pelos autores, que tratam que o mediador de leitura é importante para a formação do novo leitor, enfatizam como este mediador pode ser um agente transformador dos destinos e ver como os sujeitos percebem o mundo, a

necessidade é fundamental dessa relação e argumentam pela melhoria do perfil leitor dos professores responsáveis por formar os novos leitores.

Lajolo (2007, p.105) ressalta a relevância de os professores serem leitores engajados para desempenhar eficazmente seu papel na formação de leitores. Assim como Silva (2004, p.31), destaca a importância de os professores serem apaixonados pelos livros, pois são fundamentais para cultivar o gosto pela leitura. Ele ressalta que, se o professor não for um leitor autêntico, crítico e apaixonado, ele não consegue desempenhar adequadamente sua função em educação e em ensino de leitura. É, portanto, por meio do exemplo vivo dos professores que as práticas de leitura dos alunos poderão ser inspiradas e encaminhadas.

É necessário, aqui, sugerir um novo questionamento sobre a necessidade de repensar o ensino de leitura na escola, sublinhando a urgência de formações mais potentes nesse tema nos cursos de formação de professores. Há um evidente e inadiável repensar sobre o leitor literário, aquele que deveria ser formado pela escola; um repensar sobre o que vem a ser um leitor competente em nossa sociedade contemporânea. O leitor competente será aquele que é capaz de construir sentidos a partir de suas leituras, demandando competências e conhecimentos de certo modo distintos para a interpretação das obras lidas em seu espaço cultural.

Uma das funções primordiais do professor é a de facilitar a leitura e formar leitores. Para tanto, deve empenhar-se no estímulo à prática de ler, propondo estratégias para que os alunos desenvolvam essa prática, atuando também como mediador abrindo caminhos, propondo desafios e valorizando as conquistas dos alunos em todos os aspectos cognitivo, emocional, sensorial e cultural. Ele deve atuar como um guia que abre caminhos para a compreensão e apreciação dos textos, ajudando os alunos a navegar pelas complexidades da linguagem e a interpretar diferentes significados. Portanto, ao estimular a prática da leitura e atuar como mediador, o professor desempenha um papel essencial na formação de leitores que não apenas consomem informações, mas que também as questionam, as reinterpretam e as utilizam para transformar suas realidades.

Os professores desempenham a função de mediadores, de modo que o aluno os veja como exemplos de leitores. Criando, também, um ambiente que desafie os aprendizes a pensar, a buscar soluções criativas para os problemas existentes. Para Freire (1996, p.20), o educador não deve apenas transmitir conteúdos, mas também ensinar a pensar criticamente. O problema da leitura é de importância crítica; a dificuldade de leitura inclui desde a ausência desse espaço até a ausência de interpretação adequada, estar pronto para ler adequadamente,

raciocinar a leitura, é a chave para uma mensagem de texto. Assim, a necessidade de uma escola promover um ambiente de leitura ativa é de extrema importância, visando formar sujeitos críticos e leitores sedentos em todas as áreas do saber e com a participação de todos os professores de ensino, pois a leitura é uma habilidade transversal a todas as áreas do conhecimento. A capacidade de leitura obtida pelo aprendiz ajuda a entender todas as áreas e consegue ler com interpretação diversos tipos de textos em várias disciplinas.

A necessidade de repensar a formação dos formadores de leitores surge da convicção de que essa função envolve não apenas conhecimentos técnicos, mas também paixão e respeito pelos livros. É necessário que os professores vivenciem a importância de saber ler e gostar de ler para formar leitores. Dessa forma, em vez de novamente priorizar apenas recursos materiais ou programas voltados aos alunos, é necessário que os governos e os administradores busquem para os seus investimentos recursos para a formação leitora de seus professores, mostrando a eles a importância do universo literário. Para repensar o papel do professor de leitura, é necessário delinear o perfil desse profissional como mediador entre o texto literário e o aluno, no sentido de enriquecer a formação leitora no sentido mais pleno e profundo.

É imprescindível que os alunos tenham um modelo de leitor que lhes permita conhecer como se organizam e funcionam os textos e, neste aspecto, o professor é fundamental, sobretudo para crianças sem acesso a bons materiais ou ao convívio de leitores mais experientes. O professor torna-se o principal exemplo de leitor para esses alunos, sendo crucial que ele seja um leitor ativo e compartilhe com os estudantes a importância e o prazer da leitura. Estes profissionais possuem experiências e histórias leitoras variadas. Seria relevante pesquisar e ouvir tais histórias a fim de conhecer melhor esses professores e, assim, intervir de forma positiva em sua prática de mediação da leitura.

É crucial a realização de estudos que abordem todos os aspectos do sistema literário, desde os alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio até as políticas públicas, comunidades e teorias de leitura. Conhecer os leitores que leem para formar novos leitores - esse é um objetivo basilar para a pesquisa e para as universidades que desejam intervir nesta realidade distante do ideal. Vale ressaltar que, embora pareça óbvia a importância deste diagnóstico, existem poucos estudos que se dedicam a levantar o perfil do leitor dos professores responsáveis em alavancar a leitura dos alunos. Analisar o perfil do leitor do docente é relevante para conhecer quem são os formadores de leitores.

O sistema educacional brasileiro enfrenta um dilema em recrutar e preparar adequadamente os professores da leitura, o que se reflete diretamente na formação de leitores competentes, críticos na educação formal do país. A falta de vocação e a falta de formação dos profissionais para mover a leitura nas escolas apresentam um quadro complexo e desafiador. A escolha do docente é frequentemente escolhida como uma alternativa de segurança de trabalho em um mercado com pouca concorrência. O desinteresse em quem faz a carreira docente é palpável e reflete insatisfação crescente dos profissionais com o ofício. Falta de prestígio social, salários baixos e condições difíceis denominada o problema da escola são outros caracteres que favorecem esta preocupação. Os poucos candidatos que têm a opção de fazer a licenciatura geralmente provêm de famílias de baixa renda e têm falta de capacitação em sua formação básica, tendo até mesmo níveis de leitura pobres e fora das expectativas.

O ciclo de formação precária de docentes, apresentado desde a base educacional deficitária até a falta de motivação nas licenciaturas, tem como resultado a formação de professores desqualificados à frente das salas de aula, em prejuízo para a formação de leitores competentes. Como educadora, propus-me a estudar sobre a formação de professores e a formação de leitores e, a esta especificidade, para a realidade escolar e do trabalho docente. Este processo não se refere aos estudos realizados fora da profissão, mas à própria maneira de pesquisar a partir da prática docente. O desenvolvimento profissional, fundamentado na reflexão sobre a prática e na colaboração entre pares, é considerado um passo necessário para o avanço na prática docente. É relevante destacar que a colaboração de professores em atividades de pesquisa é primordial para enriquecimento do conhecimento educacional.

A formação de professores deve criar as condições para uma renovação, recomposição, do trabalho pedagógico, nos planos individual e coletivo. Para isso, é necessário que os professores realizem estudos de análise das realidades escolares e do trabalho docente. O que me interessa não são os estudos feitos “fora” da profissão, mas a maneira como a própria profissão incorpora, na sua rotina, uma dinâmica de pesquisa. O que me interessa é o sentido de uma reflexão profissional própria, feita da análise sistemática do trabalho, realizada em colaboração com os colegas da escola.

Este ponto é central para a formação de professores, mas também para construir uma capacidade de renovação, de recomposição das práticas pedagógicas. A evolução dos professores depende deste esforço de pesquisa, que deve ser o centro organizador da formação continuada. É assim que aprendemos a nos conhecer como professores. (NÓVOA, 2017, p.1128)

É necessária a cooperação entre os pesquisadores universitários e os docentes da educação básica, enfatizando a significação dos educadores integram, cotidianamente, o trabalho reflexivo e de investigação nas suas práticas. O registro das aprendizagens e das experiências vivenciadas é fundamental para acumular conhecimento e possibilitar a atualização contínua das práticas educativas. Com as mudanças drásticas no campo da educação, é vital que os professores aprendam a intervir com eficácia e criticamente nos debates públicos acerca das questões educacionais. A formação continuada deve incluir a consciência da importância do diálogo entre escolas, universidades e comunidades para fornecer uma educação de qualidade e relevante para todos.

Ao pensar na troca de conhecimentos e no aprimoramento que a formação continuada exerce na vida profissional do professor, focamos no propósito dessa pesquisa que está atrelada a minha formação continuada e que incide em uma proposta de formação para minhas colegas de trabalho. Foi sobre esse norte que pensou-se a intervenção desta pesquisa. Esta pesquisa também enfatiza que a instituição escolar deve garantir o acesso dos alunos à leitura, por isso frequentar a biblioteca escolar nesse processo de formação de leitores se faz importante. Todos esses levantamentos e inquietações em minha formação continuada culminaram na proposta de intervenção deste estudo.

Apesar das incertezas e desafios enfrentados pelos educadores, é fundamental aceitar e adotar crenças otimistas sobre a capacidade humana de aprender e se aperfeiçoar mutuamente. A educação é vista como um ato valioso e corajoso, que exige enfrentar os medos e desafios com determinação e esperança. Além disso, é importante acreditar na capacidade dos educadores de fazer a diferença na vida de seus alunos, mesmo em meio a adversidades e dificuldades. Portanto, manter uma atitude otimista e esperançosa em relação à educação é essencial para inspirar e motivar tanto os educadores quanto os alunos a superar desafios e alcançar sucesso em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal.

5 Literatura, leitura e letramento literário e a formação leitora

Ler e escrever são condições inalienáveis do exercício do direito de cidadania de um ser humano e de seu desenvolvimento pessoal e profissional na sociedade contemporânea. O aprendizado da leitura e da interpretação da leitura é um verdadeiro processo de aprendizagem que dura a vida toda: quanto mais se lê, mais competente se torna na leitura. Quanto mais lê, mais competente como leitor se torna o ser humano. Quanto mais leitura, mais domínio de

entendimento do mundo, maior ampliação de cultura, por isso a leitura é tida como prática a ser incentivada frequentemente nas escolas.

A leitura de obras literárias é uma prática social, sendo assim, é imprescindível discutir o ato de ler como ferramenta social, pois ela é um ato pedagógico, mais que mera decodificação linguística, pois é algo que se realiza a partir da relação do autor, do texto lido, do leitor e do contexto em que situam-se texto e leitor. Dessa maneira, se compreende que a leitura é uma atividade interacional, realizando-se assim, sendo então tal interação o culminar de um processo que, de fato, produz, para o texto, o seu sentido a partir da visão social que cada sujeito tem. Portanto, se entende que a leitura é, antes de tudo, um ato social, pois ela lhes é mediadora das diversas relações sociais que o homem efetua, seja da leitura de um clássico literário, de uma leitura social em rede ou do simples ato de leitura de uma bula de remédios. O ato de ler é social, pois tem a ver com diversas conjunturas sociais, perpassando por todas as relações da vida humana. Em analogia ao caráter social da leitura, Freire (2006, p.20) discorre que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, com isso o ato de ler torna-se um ato que, principalmente, lê o mundo, de modo a estabelecer uma relação ativa que associa o texto com a realidade.

A prática da leitura sempre deve ser pensada como uma ação cultural historicamente constituída, por isso o efeito dessa prática é algo que deve consecutivamente ir além do acúmulo de informações, se constituindo como a representação da realidade presente no texto. A literatura é algo que se apropria de elementos culturais e sociais para se concretizar, e lê-la significa construir sentidos a partir de tais elementos. A prática da leitura literária sob esse viés faz com que o sujeito/leitor leia o mundo através da literatura, de modo que passe a atuar nesse mundo de maneira mais crítica e participativa, uma vez que o ato da leitura o desperta para elementos socioculturais (RAMOS; ZANOLLA, 2009; COSSON, 2022).

Ler é atribuir significados, segundo Bittencourt (2020, p. 83), é estabelecer um diálogo com o outro e com os significados socialmente construídos por sujeitos históricos. O ato de ler implica compreender que o que está expresso no texto carrega os discursos, com isso o leitor deve assumir exigindo do leitor uma postura de questionamento, porém em geral o exercício de leitura nos anos iniciais se limita à expectativa de que a criança consiga verbalizar segmentos de textos simplificados, sem necessariamente compreender o conteúdo, ou confrontar as opiniões do autor. Isso frequentemente resulta em alunos que decodificam os textos sem compreendê-los, sem distinguir fatos de opiniões e sem conseguir sintetizar com suas próprias palavras o que foi dito pelo outro.

O que é ler? Ler é atribuir sentidos. Ler é entrar em diálogo com o outro e com os sentidos construídos socialmente por sujeitos históricos. Neste viés, ler pressupõe compreender que o que está dito no texto carrega os discursos que constituem aquele que diz, *exigindo do leitor um olhar de interrogação e uma atitude responsiva*. O que acontece, muitas vezes, é que o exercício de ler em sala de aula nos anos iniciais se restringe somente à expectativa da escola de que a criança desenvolva a habilidade de verbalizar de forma adequada segmentos textuais de textos empobrecidos, não importando a compreensão do conteúdo, a identificação da função textual, o embate com as opiniões daquele que escreve. Essa atividade, na maioria das vezes, exige, no máximo, a identificação da relação entre as partes do texto e o reconhecimento da "ideia principal do texto" ou ainda "o que o autor quis dizer". Isso contribui significativamente para que sejam formados sujeitos decodificadores de textos que não compreendem o que leem, não distinguem fatos de opiniões, não conseguem sintetizar com suas próprias palavras o que o outro disse e, por consequência, apresentam sérias dificuldades de se autorizar a emitir opinião sobre aquilo que não entendem como sendo um ponto de vista entre tantos possíveis, já que a interpretação de um texto nunca é uma só, ao mesmo tempo, que também não pode ser qualquer uma. (BITTENCOURT, 2020, p. 83)

É necessário questionar e repensar as práticas tradicionais de leitura que, ao longo do tempo, têm contribuído para o desinteresse pela leitura. A leitura é uma atividade que envolve discursos não neutros, refletindo as visões de mundo de quem os produz. Devemos refletir sobre que tipo de leitores fomos moldados a ser e que tipo de leitores queremos formar na sociedade atual. É preciso se atentar de que os espaços voltados a tal promoção não estão isentos do aspecto pedagógico, portanto, possuem uma significativa faceta social.

Estamos propondo com esta pesquisa, na perspectiva do letramento literário, a fim de que se possa apresentar novas formas de trabalhar as práticas de leitura do texto literário, para que essas práticas possam contribuir para a formação leitora dos alunos. As teorias a respeito do letramento surgiram em meados de 1986, por meio dos discursos e de pesquisas apresentadas pela autora Mary Kato em seu livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Conforme a autora, "a língua falada culta é consequência do letramento" (KATO, 1986). No ano de 1988, a autora Leda Verdiani Tfouni faz uma diferenciação entre alfabetização e letramento em seu livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*.

A partir de estudos e de pesquisas na área educacional, incorporou-se à nossa língua o termo letramento apesar de nem sempre haver consenso na definição exata desse termo. Na década de 90 a publicação de dois livros de diferentes autoras: *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita* de Ângela Kleiman (1995) e *Letramento: um tema em três gêneros* de Magda Soares (1998; 2019) abordam o termo letramento. O mesmo sempre foi usado para tratar da apropriação e do uso social da escrita,

uma vez que a sociedade exigia uma denominação para o designar tal termo. Compreende-se por letramento neste estudo “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (SOARES, 1998, p.18). Soares (2010) esclarece que:

Alfabetização e letramento são processos diferentes, mas indissociáveis: embora se diferenciam quanto às habilidades cognitivas que envolvem, e, conseqüentemente, impliquem formas diferentes de aprendizagem, processos simultâneos e interdependentes. (SOARES, 2010, p. 61).

Entretanto, pode-se considerar que o processo de letramento começa mesmo antes do processo de escolarização do sujeito, já que ele se relaciona a todo o momento seu meio com situações de letramento e a sua interação com o outro. Se esperar que a escola contribua referente ao sistema de escrita e leitura e potencialize este processo. O letramento literário não visa simplesmente ensinar a alguém decodificar sinais gráficos, mas a compreender os sentidos do texto pelo leitor, e a capacidade desse leitor em estabelecer uma reflexão e relacionar a leitura à vida cotidiana. O leitor compreende a mensagem do texto e tira dele um sentido, um olhar para si e sua condição no mundo, com isso o sujeito através da leitura adquire a capacidade de debater o mundo em que está inserido. O letramento literário ocupa um lugar único em relação à linguagem, cabendo à literatura segundo Cosson

[...] função maior de tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas [...] Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar o rumo de sua escolarização, promovendo o letramento literário. (COSSON. 2022, p. 17).

A grandiosidade do ato de ler está no fato que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2006, p.20) para reler o mundo é preciso ler a palavra, confirmando com isso que a alfabetização e letramento contínuo são importantes. O letramento numa perspectiva social baseia-se na leitura e na escrita como práticas discursivas que estão ligadas ao contexto onde se desenvolvem. Desse modo, as atividades de leitura e escrita na escola devem partir das práticas sociais. É neste propósito que este trabalho enfatiza que o sujeito não necessita ler a palavra para interpretar o texto e o mundo, portanto o trabalho com a

literatura pode ser executado com indivíduo não alfabetizado e/ou em processo de alfabetização ou letramento.

O letramento feito com textos literários demanda um processo educativo para além da mera prática de leitura de textos literários: é ajudar o sujeito a refletir sobre nosso lugar no mundo e sobre o lugar do outro. Se faz importante ressaltar que o letramento literário trata-se de uma habilidade que requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário, com isso esclarecemos que esta não é uma habilidade pronta e acabada: necessita estar em constante manutenção por parte do leitor, uma vez que a literatura carrega em si parte da cultura universal de todos os homens pertencentes a qualquer tempo da história, o que faz a literatura ser impregnada da existência do leitor e de qualquer sujeito humano. (COSSON; PAULINO, 2012).

A competência da leitura é bastante valorizada dentro das mais diversas culturas humanas, é de regra que na sociedade a presença da leitura é sempre vista de maneira assertiva no desenvolvimento humano, são inúmeras as ações destinadas a erradicar o analfabetismo. Com isso, a prática da leitura na escola e na sociedade se faz cotidiana e se apresenta em diversos momentos que nos induzem ao entendimento de informações e conhecimentos. Ao proporcionar práticas que permitam aos sujeitos conquistar competências que os levem a desenvolver a leitura e a escrita, uma vez que o sujeito, ao tornar-se capaz de leitura e escrita, amplia a sua condição de conhecer.

A leitura como proposta pedagógica deve ser feita de maneira que a avaliação da leitura feita pelo discente não seja feita superficialmente, mas que faça sentido para o aluno. A apropriação de tal informação transforma a vida do estudante no sentido de que este se torna um sujeito ativo no mundo. Para tanto é fundamental que o professor tenha uma proposta de leitura reflexiva considerando na proposta pedagógica levada a cabo que os objetivos da intencionalidade de se valer de um certo texto na aula têm que ser coerentes com o tipo de texto literário escolhido para aquela, uma vez que há especificidades comuns a cada gênero textual, devendo a prática acompanhar as competências e as atitudes necessárias para a formação de um bom leitor de literatura.

Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações,

metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o “estudo” daquilo que é textual daquilo que é literário (SOARES, 2006, p. 44).

O texto literário deve servir como um instrumento para o ensino reflexivo do uso da língua, e o pensar, também, nos valores de vivência do cidadão de uma sociedade da qual seja parte. Com isso, os professores devem estar prontos para selecionar, sugerir e elaborar atividades de leitura que envolvam o texto literário, com vistas a contribuir efetivamente para a formação do leitor e do sujeito vivente em sociedade. A habilidade para ler e escrever atravessa nossa existência das mais diversas maneiras, sendo assim o letramento do sujeito significa bem mais que o saber ler e escrever, apta a corresponder à ampliação dos significados dos saberes que nós veiculamos pela escrita, perpassa pelos modos de como nos utilizamos da escrita para que possamos nos comunicar e nos relacionarmos às outras pessoas, produzindo modificações nas circunstâncias com que vemos e que nos relacionamos ao mundo. "Escolhemos denominar a proposta de letramento literário para assinalar sua inserção em uma concepção maior de uso da escrita, uma concepção que fosse além das práticas escolares usuais". (COSSON, 2022, p. 11).

O professor enquanto mediador da prática da leitura deve buscar que o estudante leitor, por intermédio dos textos, estabeleça sentido entre os mesmos com o mundo que os cerca. Na escola, a leitura literária deve ir além do mero pensamento de que o sujeito deve criar um hábito de leitura prazeroso, a literatura deve ser um agente de mudança psicológica. Por meio de uma prática de leitura literária pedagógica executada de forma correta, o sujeito passa a conhecer e se reconhecer no mundo. Antonio Candido defende que a literatura é um direito de todo o cidadão, segundo o autor o acesso à literatura se faz necessário de maneira permanente.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos libera do caos e nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 1989, p. 122)

A arte constitui uma das necessidades básicas do ser humano. Candido (1989) enfatiza que a privação do acesso a tais "bens incompressíveis" pode provocar "desorganização pessoal" ou "frustração mutiladora", citando que "não se limita aqui a integridade material, mas a integridade espiritual, a arte e a literatura fazem parte no rol dos bens incompressíveis",

e a literatura é "uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos", (CANDIDO 1989, p. 174). Essas necessidades espirituais, segundo uma perspectiva histórico-cultural, estão associadas ao processo de humanização em sentido amplo, em que o gênero humano é desenvolvido, combinando-se partes nucleares e elementos que lhe são especificamente humanos, como linguagem, pensamento e imaginação, que foram chamados de funções psíquicas superiores ao longo da história humana.

Reafirmando a arte enquanto patrimônio da humanização que potencializa o desenvolvimento de funções exclusivamente humanas, concordamos com Candido (1989) que essas necessidades devem ser consideradas bens incompressíveis e acessíveis a todos. Sobretudo, o mundo, por meio da educação escolar, precisa proporcionar acesso ao conhecimento para promover a transformação da população e do mundo, incluindo o conhecimento da arte. Candido defende, segundo ele, que a forma é essencial para ação do conteúdo, pois "a mensagem é inseparável do código, mas o código é a condição que assegura o seu efeito" (CANDIDO, 1989, p. 178). Com isso, a palavra organizada contribui para ordenar sentimentos e pensamentos, sendo que

O caráter de coisa organizada da obra literária se torna um fator que nos capacita mais a ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, como consequência, mais nós somos capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 1989, p. 177).

Vigotski (1999) escreveu que a arte é uma "condensação da realidade" (VIGOTSKI, 1999, p. 315), em tanto, que Antonio Candido(1989) caracteriza a literatura como uma "forma de conhecimento " (Candido, 1989, p. 176) . Isso não implica que a arte seja uma mera reprodução da realidade, mas sim uma criação a partir dela. Vigotski (1999) também enfatiza que "a arte é o social em nós" (VIGOTSKI,1999, p. 315), o que implica que tanto a apreciação da arte quanto a objetivação de emoções e sentimentos em uma obra de arte envolvem uma apropriação social, uma mediação cultural. O autor defende ainda a importância da forma na constituição da obra, argumentando que a contradição entre conteúdo e forma é fundamental para gerar a reação estética:

[...]durante séculos os especialistas em estética vêm afirmando a harmonia da forma e do conteúdo, dizendo que a forma ilustra, completa, acompanha o conteúdo, e de repente descobrimos que isto é o maior dos equívocos, que a forma combate o conteúdo, luta com ele, supera-o, e que nessa contradição dialética entre conteúdo e

forma parece resumir-se o verdadeiro sentido psicológico da nossa reação estética. (VIGOTSKI, 1999, p. 199).

Partindo da realidade, mas indo além dela, e com uma construção estética equilibrada entre forma e conteúdo, provoca a transformação do ser humano. Segundo o pensamento de Vigotski, o envolvimento com a arte propicia uma reflexão sobre a realidade, levando o ser humano a reavaliar sua vivência diária e a se integrar plenamente na rotina. Conforme explicitado por Vigotski (1999), ao experimentar a arte, somos envolvidos por um processo de catarse complexo, no qual ocorre uma intensa liberação de emoções, sua mutação mútua, resultando não em sentimentos angustiantes provocados pelo conteúdo da narrativa, mas sim em uma sensação elevada e esclarecedora de alívio.

Como resultado, a reação estética se reduz à catarse, experimentamos uma complexa descarga de sentimentos, a sua transformação mútua, e em vez de emoções angustiantes suscitadas pelo conteúdo da narrativa temos diante de nós a sensação elevada e clarificadora de leve alento. (VIGOTSKI, 1999, p. 271)

Esta dinâmica dialética contribui para a humanização do indivíduo, porque atuando como um meio para superar a realidade, a arte dá à condição humana a possibilidade de entrar em contato com próprias práticas de existência, fazendo com que ao mesmo tempo se enalteça a reflexão para si mesma e para o mundo. O papel do professor como mediador na formação de leitores é essencial, pois ele estimula a prática da leitura e atua como exemplo para os alunos. Criando um ambiente desafiador, o professor incentiva o pensamento crítico e a busca por soluções criativas. Promover uma leitura ativa na escola é fundamental para formar sujeitos críticos e sedentos por conhecimento em todas as áreas. É preciso repensar a formação dos professores, destacando não apenas conhecimentos técnicos, mas também a paixão e o respeito pelos livros. Investir na formação leitora dos professores é crucial para garantir que eles possam desempenhar seu papel de mediadores de forma plena e profunda, enriquecendo a formação dos alunos na leitura e interpretação de textos.

Conclusão

A formação dos professores é um instrumento essencial para propiciar práticas reflexivas e críticas, buscando enfrentar novos desafios da educação. É inegociável que os professores sejam formados para que eles reflitam sobre suas práticas, tanto como práticas

isoladas quanto como práticas que são práticas de mudança, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária. A formação de leitores competentes implica desenvolver, desde a formação inicial dos professores, habilidades adequadas de leitura, e com isso desenvolverem o gosto em ler. A relevância dos mediadores da leitura na formação de novos leitores é retomada, a princípio de modo a destacar a importância de que seus professores possam ser leitores motivados e apaixonados pelos livros, na inspiração de seus educandos.

O letramento literário é tratado ao final deste trabalho como um recurso fundamental, apesar de não ser o único método, para possibilitar o entendimento e a reflexão sobre o mundo, na construção do ser humano e da sociedade. A arte e a literatura também constituem caminhos de humanização, proporcionando a plena inserção do humano em sua realidade. Diante dos problemas do sistema educacional. Urge repensar sobre a formação do professor, atrelando a teoria à prática, para manter a força e a eficácia da educação pública.

Referências

ANDRADE, M. M. *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação*. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; Loss, Adriana Salete; Souza, Flávia Burdzinski de (organizadoras). *Fundamentos didáticos e pedagógicos para pensar a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental: diálogo com a BNCC*. –Curitiba: CRV, 2020.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular - Educação é a base*. Brasília, MEC/consed/undime, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf . Acesso em: dez de 2023.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e direitos humanos. In: Fester, A. C. Ribeiro (org.). *Direitos humanos e...* São Paulo: Comissão Justiça e Paz, Editora Brasiliense, 1989.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A leitura do texto literário no 2º. Grau: ausência de prazer. In: _____. *Ensinar o prazer de ler*. São Paulo: Olho d'água, 2003. p. 9-38.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 13ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2022.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. 1. ed., 7ª reimpressão.-São Paulo: Contexto, 2023.

COSSON, Rildo. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. 1. ed., 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2023.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Orgs.). *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2012.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. Convergências e Tensões nas Políticas Públicas de Leitura. In: Dalben, Ângela; Diniz, Júlio; Leal, leiva; Santos, Lucíola (Orgs.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo ,Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva*. 2. ed.rev. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

NETO, Alaim Souza . O que são os PCN? O que afirmam sobre a Literatura?. *Debates em Educação*. Maceió, Vol. 6, n. 12, p. 112-128. jul./dez. 2014.

NÓVOA, António, Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v.47, nº166, p. 1106-1133. Out./ dez.2017.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ZANOLLA, Taciana. Repensando o ensino de literatura no ensino médio: a interação texto-leitor como centro. *Contrapontos*. Itajaí, v. 09, n. 1, p. 65- 80, jan./abr. 2009.

SILVA, Ezequiel. *A produção da leitura na escola: pesquisas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. *Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento*. In: Marinho, Marildes; Carvalho, Gilcinei T.(Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 54-66

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Zélia V. *A escolarização da leitura literária*. O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

ZEICHNER, Ken. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008 535. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/bdDGnvvGjCzj336WkgYgSzq/?lang=pt> . Acesso em: jun. de 2024.

Teacher training and reading teacher training

Abstract

This text aims to discuss the reading training of teachers and the process of literary literacy in continuing education, emphasizing that it is urgently necessary to renew the practice of training teachers. The methodology of the article is qualitative research, with theoretical bibliographical research with the works of the author Cosson (2022, 2023), Soares (1998, 2020), Zeichner (2008), Nóvoa (2017) among other theorists. Teachers need to be prepared to be reflective professionals who can evaluate the value of their practices. In this article, we will discuss the importance of reading training in education, in addition to the value of reading and the transformative classroom. Students do not need to be taught to simply decode texts, but also to criticize the text and go through what the text says. Teachers must be responsible for training critical students in terms of literary literacy and creating new critical approaches in relation to traditional methods. The diagnosis carried out highlights the need for continued training for teachers to work with literature and literary literacy in a more reflective way in the daily classroom. The creation of a coherent school and the construction of students' literary literacy demands considerable teacher training work, with the aim of building a solid theoretical base. The combination of theoretical and practical knowledge in teacher training is crucial for the quality of education, which will attempt to promote students' literary literacy in a comprehensive manner.

Keywords: Literary literacy; Reading; Reading teachers; Teacher training.

Formación docente y formación docente de lectura

Resumen

Este texto tiene como objetivo discutir la formación lectora de los profesores y el proceso de alfabetización literaria en la educación continua, enfatizando que es urgente renovar la práctica de la formación de profesores. La metodología del artículo es de investigación cualitativa, con averiguación bibliográfica teórica con las obras del autor Cosson (2022, 2023), Soares (1998, 2020), Zeichner (2008), Nóvoa (2017) entre otros teóricos. Los docentes deben estar preparados para ser profesionales reflexivos que puedan evaluar sus prácticas. En este artículo discutiremos la importancia de la formación lectora en la educación, además del valor de la lectura y el aula transformadora. No es necesario enseñar a los estudiantes a simplemente decodificar textos, sino también a criticarlos y repasarlos que el dice. Los profesores deben ser responsables de formar estudiantes críticos en términos de lectura literaria y crea nuevos enfoques críticos en relación con los métodos tradicionales. El diagnóstico realizado destaca la necesidad de una formación continua del profesorado para trabajar la literatura y la alfabetización literaria de una forma más reflexiva en el aula diaria. La creación de una escuela coherente y la construcción de la alfabetización literaria de los estudiantes exige un considerable trabajo de formación docente, con el objetivo de construir una base teórica sólida. La combinación de conocimientos teóricos y prácticos en la formación docente es crucial para la calidad de la educación, que intentará promover la alfabetización literaria de los estudiantes de manera integral.

Palabras clave: Alfabetización literaria; Formación docente; Lectura; Profesores lectores;

La formation des enseignants et la formation des lecteurs enseignants

Résumé

Ce texte vise à discuter la formation à la lecture des enseignants et le processus d'alphabétisation littéraire dans la formation continue, en soulignant qu'il est nécessaire de renouveler d'urgence la pratique de la formation des enseignants. La méthodologie de l'article est la recherche qualitative, avec une recherche bibliographique théorique avec les travaux de l'auteur Cosson (2022, 2023), Soares (1998, 2020), Zeichner (2008), Nóvoa (2017) entre autres théoriciens. Les enseignants doivent être préparés à devenir des professionnels réflexifs capables d'évaluer la valeur de leurs pratiques. Dans cet article, nous discuterons de l'importance de la formation à la lecture dans l'éducation, ainsi que de la valeur de la lecture et de la classe transformative. Il ne suffit pas d'apprendre aux élèves à décoder les textes, mais aussi à les critiquer et à analyser ce qu'ils disent. Les enseignants doivent être responsables de la formation d'étudiants critiques en termes d'alphabétisation littéraire et de la création de nouvelles approches critiques par rapport aux méthodes traditionnelles. Le diagnostic réalisé met en évidence la nécessité d'une formation continue des enseignants pour travailler la littérature et la littératie littéraire de manière plus réfléchie dans la vie quotidienne de la classe. La création d'une école cohérente et la construction d'une culture littéraire chez les élèves exigent une formation considérable des enseignants, dans le but de construire une base théorique solide. Nous devons non seulement prendre en compte l'aspect pratique du processus d'enseignement, mais aussi comprendre La combinaison des connaissances théoriques et pratiques dans la formation des enseignants est cruciale pour la qualité de l'éducation, qui s'efforcera de promouvoir la littératie des élèves de manière globale.

Mots clés : Formation des enseignants ; Lecture ; Littératie ; Enseignants lecteurs ;